

# A MULHER BRASILEIRA Apresentou-se Voluntariamente

Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero

*A autora integrou o primeiro escalão da FEB, como uma das enfermeiras recrutadas em diversos Estados brasileiros e embarcadas, via-aérea, para o Teatro de Operações da Itália. É notável este depoimento, pois aborda o modo criativo e cordial como essas jovens brasileiras enfrentaram e venceram o desafio representado pela incorporação repentina e a viagem rumo ao desconhecido. "Hoje, na paz, nos desvanecemos de termos estado lá."*

## Treinamento e Embarque



mulher brasileira jamais esteve omissa nos grandes e difíceis momentos da Pátria, em setores os mais diversos, dando sempre o melhor de si. Assim procederam Maria Quitéria, Anita Garibaldi, Ana Nery, Ludovina Portocarrero e outras.

Nos idos de 1942, muito embora aparentemente distantes dos campos de batalha da conflagração que então a humanidade envolveu, inúmeros foram os lares brasileiros que de sangue, dor e luto ficaram assolados. Assim, não era apenas essa ou aquela região do País que sangrava; era a própria Pátria, que no todo chorava suas inocentes vítimas de impiedosos afundamentos de navios mercantes em nosso próprio litoral.

Iam nossos bravos combatentes

para regiões e países totalmente desconhecidos da quase totalidade e, mais ainda, participariam de momentos em combate dos mais difíceis junto às tropas aliadas, onde por certo bem difícil seria o entendimento idiomático e de costumes.

Foi aberto o voluntariado para a mulher, nos mais distantes rincões da Pátria. Inúmeras foram as patricias que de imediato correram ao chamado, e à semelhança dos homens, vieram integrar a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Estávamos no alvorecer de nossa mocidade, pois em média mal havíamos atingido a maioridade civil. Imediatamente procuramos os quartéis das diversas regiões militares para, como voluntárias, nos apresentar e servir como enfermeiras no Teatro de Operações italiano, cumprindo as exigências de portar diploma de escola de enfermagem, idade de 18 a 36 anos e de estado civil: solteiras, viúvas ou desquitadas.

Inscritas, começou o intensivo "curso de emergência de enfermeiras da reserva do exército" (CEE R Ex), no Rio de Janeiro, onde funcionou a 1ª turma, na Diretoria de Saúde do Exército, 2º andar do Ministério da Guerra, sendo ministradas as aulas teóricas das disciplinas de Enfermagem, Regulamentos Militares, Regulamento de Continências e Sinais de Respeito. Na Escola de Educação Física do Exército (Fortaleza de São João), foram ministradas: Ginástica, Educação Física, Treinamento de Guerra, Natação e Ordem Unida. Era, então, Diretor de Saúde do Exército o Gen Méd João Affonso de Souza Ferreira e Diretor do Curso o Maj Méd Augusto Marques Torres. Os estágios hospitalares eram feitos diariamente no Hospital Central do Exército.

Vindas de diversos Estados como Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Paraná e reunidas no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, foram formadas outras turmas. Somente foram consideradas aptas e embarcaram com a FEB 67 enfermeiras, sendo 61 hospitalares e 6 especialistas em transporte aéreo, treinadas em Natal (Rio Grande do Norte), na Base da Força Aérea Brasileira, encarregadas da assistência entre Nápoles e os Estados Unidos.

Fomos então incorporadas ao efetivo da FEB como enfermeiras de 3ª classe e, já uniformizadas, nos apresentamos ao General Mascarenhas de Moraes, no QG/FEB e passamos a ter o treinamento de Ordem Unida no Colégio Militar. No QG, recebemos todas as vacinas necessárias e entramos na rotina dos elementos febianos.

Nossos vencimentos foram divididos em 3 etapas: setecentos mil réis, que recebíamos normalmente; a mesma quantia destinada a uma pessoa da família; e igual quantia depositada no Banco do Brasil. Foi publicada nota informativa para as enfermeiras, determinando as peças de uniforme que lhes seriam destinadas durante o ano e a quantidade a ser distribuída no Brasil, sendo organizada, também, uma

(cont. pg 205)



*A Mulher Brasileira Apresentou-se Voluntariamente*

relação de artigos diversos que poderiam ser conduzidos pelas interessadas, por conta própria.

Nenhuma peça de uniforme fora da tabela fixada poderia ser levada, podendo ser ultrapassada de um mínimo, caso as malas e sacos comportassem. Cada enfermeira deveria prever um estoque de artigos de "toilette" para um período de três meses, assim como óculos sobressalentes de grau e vidro de relógio. Seria conveniente que cada uma levasse os remédios de uso costumeiro, pois além-mar não os encontraria com facilidade. Até o dia 20 de junho toda a bagagem deveria estar pronta, possuindo cada uma a declaração da 1ª distribuição e os artigos indispensáveis ao uso pessoal. Os sacos e malas seriam marcados no Quartel-General da 1ª DIE e nenhuma inscrição externa deveria figurar nas referidas peças, a não ser as regulamentares. A seguir, a tabela dos artigos discriminavam 18 peças para o bernal, 57 para a mala A e 40 para o saco B. Assinava a nota o Major Aguinaldo Senna Campos, Ch 3ª Sec, com o visto do Cel Floriano Lima Brayner, Ch EMG/FEB.

**Em Ação na Itália**

A partida para a Itália foi feita obedecendo o maior sigilo. Três investidas foram programadas para, finalmente, embarcarmos. Cinco enfermeiras foram escolhidas para integrar o destacamento precursor: Antonietta Ferreira, Carmen Bebiano, Ignacia de Mello Braga, Elza Cansação Medeiros e Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero.

Partimos na madrugada do dia 07 Jul 44, do Aeroporto Santos Dumont, comandadas pelo Maj Med Ernestino Gomes de Oliveira, com destino a Natal, Rio Grande do Norte, Base Aérea de Parnamirim. Pernoitamos naquela Base e no dia imediato seguimos no mesmo avião, deixando ao longe o último ponto brasileiro (Ilha

de Ascensão). Costeando o litoral da África do Norte, aterramos em diversas cidades, em bases americanas, pernoitando em algumas e em outras apenas para abastecer o avião.

Em Argel, tomamos conhecimento que iríamos servir nos hospitais americanos e a nossa permanência seria na Itália. Em seguida, embarcamos em um quadrimotor norte-americano, para fazermos a travessia do Mediterrâneo. Chegando em Nápoles ao cair da tarde, foi muito difícil encontrarmos hospedagem. Passamos a noite no Hotel Terminus, que ficava bem próximo da baía de Nápoles, ocasião em que tivemos o batismo de fogo, pois houve um forte bombardeio. O hotel estava com suas portas emperradas, o elevador não funcionava, as paredes rachadas. Foi horrível a nossa primeira noite naquela cidade. Na manhã seguinte, fomos apresentadas, como enfermeiras de 3ª classe, pelo nosso Chefe Maj Ernestino, ao Coronel Emmanuel Marques Porto, Chefe do Serviço de Saúde da FEB, que veio ao nosso encontro no saguão do hotel. O coronel mandou que colocássemos as estrelas do posto de 2º tenente no uniforme de gabardine verde-oliva e nos conduziu ao 182 Th General Hospital, pertencente ao Exército Norte-Americano. Apresentadas ao Diretor do Hospital, Cel Wood, passamos a trabalhar usando as insígnias do posto, pois não poderíamos compartilhar o mesmo âmbito das enfermeiras americanas, que eram oficiais. Esta medida foi tomada no hospital, porém teria que ser confirmada pelo Comandante-em-Chefe da Força Expedicionária Brasileira, General Mascarenhas de Moraes.

Logo ao chegar o Gen Mascarenhas com a 1ª Escalão, o Cel Marques Porto levou ao seu conhecimento a providência tomada. Este aprovou integralmente o ato e no Boletim nº9 da FEB — Escalão Avançado, foi publicado o seguinte texto: "Considerando a situação em que se

encontram as enfermeiras brasileiras, sob o ponto de vista hierárquico em relação às americanas, no âmbito em que servem, resolvo arvorar no posto de 2º tenente, sem vantagens pecuniárias do posto, as enfermeiras de 3ª classe: Antonietta Ferreira, Carmen Bebiano, Elza Cansação Medeiros, Ignacia de Mello Braga e Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, servindo nos hospitais americanos, as quais passarão a usar a insígnia correspondente. General João Baptista Mascarenhas de Moraes — Gen Div Cmt".

O segundo problema criado foi o dos uniformes de serviço e roupas íntimas que nos foram determinadas levar. Ao partimos do Brasil, não havíamos ainda recebido os uniformes de serviço. Assim, tivemos que trabalhar com o uniforme verde-oliva de brim (saia-calça, camisa e gravata), que não era nada funcional. O calor dos dias de julho era intenso no solo italiano e depois de 20 dias de trabalho eis que recebemos os uniformes de serviço, vindos dos Brasil: era um vestido tubinho, um avental bem franzido, com enormes bolsos e um pano triangular, para amarrarmos na cabeça, tudo de algodão, na cor chumbo escuro, que não puderam ser usados pois, além de enormes, não atendiam ao nosso manequim. Eram verdadeiros espantalhos.

O Cel Marques Porto, que nos fez a entrega, teve então entendimento com o Maj Ernestino e os dois, com o coronel americano e com a enfermeira-chefe, para que nos fosse fornecido o uniforme de verão americano e colocadas no mesmo as insígnias brasileiras. Para sairmos, só era permitido o uso do uniforme brasileiro verde-oliva. O problema das roupas íntimas também foi muito difícil para nós, por não ter sido permitido levar a roupa que usávamos, na época, no Brasil, que era a normal. As peças foram padronizadas e o local das compras discriminado:

(cont. pg. 206)

as "calcinhas", de malha de algodão, desciam abaixo dos joelhos e o sutiã era verde-oliva. (Pasmem!)

Nos hospitais americanos, os banhos eram em conjunto com as americanas, em uma enorme barraca, dividida em boxes abertos. Elas desfilavam com suas roupinhas de látex, que usávamos no Brasil, mas que não nos foi permitido conduzir para a Europa. Não nos sentíamos com coragem de enfrentar este vexame e para não nos desmoralizarmos, passamos a tomar banho fora do horário, à noite, quando não mais funcionava a água quente, a luz estava apagada nos banheiros e perdendo o rico e farto material fornecido, como cheirosos sabonetes, shampoos etc. Aproveitávamos o momento para lavarmos nossa roupa íntima.

No Hospital Geral de Nápoles havia, no banheiro, máquina de lavar roupa e empregadas italianas que se incumbiam de lavar e passar, entregando nas tendas e recebendo uma gorgeta. Também esta mordomia perdemos, mas fizemos sadia camaradagem com as colegas americanas, que nos auxiliaram muito levando-nos a suas cantinas, onde fizemos um estoque de roupinhas e o nosso problema foi resolvido. Adaptamo-nos perfeitamente ao convívio de nossas companheiras americanas, que eram muito simpáticas, alegres, trabalhando em igualdade de condições, obedecendo rigorosamente a rotina, entrando nas escalas de serviço, sob o comando da "Chief Nurse" americana, muito preocupada sempre com nosso conforto e alimentação.

Escaladas para qualquer das dependências, toda a escrituração da enfermaria era feita em inglês e nossa colega, Tenente Carmen Bebianno, que falava bem aquele idioma, era a oficial-de-ligação. O nosso inglês, entretanto, dava perfeitamente para desenvolvermos o serviço e obedecermos o preenchimento de mapas impressos, que facilitavam muito o nosso trabalho, pois o atendimento se tornava de

alto nível para o nosso pessoal, sem prejuízo dos norte-americanos. A chefia do serviço de enfermagem cabia sempre a uma enfermeira mais graduada americana e o hospital era comandado por um coronel do Exército daquele país. Funcionava no seu interior a Seção Hospitalar Brasileira, chefiada pelo Maj Med Ernestino Gomes de Oliveira que, além de ser um chefe competente, falava diversos idiomas, destacando-se não só pela sua vasta cultura, como também por ser um grande cirurgião, operando indistintamente brasileiros e americanos. Neste hospital ficamos um mês (Carmen, Antonietta e eu), quando partimos com o pessoal do 1º escalão para Tarquinia (105 Th Station Hospital), também sob a chefia do Maj Ernestino. Fomos aí incorporadas ao Exército norte-americano (Fifth Army), sob o comando do Gen Mark Clark

Foram chegando, então, do Brasil, as demais companheiras igualmente arvoradas no posto de 2º tenente e distribuídas nos hospitais de Nápoles e Livorno. Outras foram destacadas para servir conosco em Tarquinia, seguindo após para Cecina, Santa Luce (38Th Evacuation Hospital) e, em seguida, para Piza (38Th Ev Hospital), onde, na madrugada do dia 2 Nov, com a chegada do inverno e das grandes tempestades, o hospital que ficava localizado em um vale às margens do Rio Arno sofreu uma grande inundação. Foi desolador. Tudo destruído. Só tivemos tempo de salvar os pacientes.

### A Luta Continua

Nas fotos tiradas três dias após a inundação, vemos como as águas encheram as barracas, onde funcionava o hospital. A Cruz Vermelha, como um símbolo de perseverança e de luta pelo bem, flutua sobre as águas, enquanto que os doentes são evacuados e os que não podiam andar, transpor-

tados em macas até as ambulâncias, que já não podiam subir para as enfermarias.

Todas trabalhamos durante a noite da calamidade. Molhadas, sem alimentação, somente depois do último paciente ser evacuado (na manhã seguinte) fomos para o 7Th G Hospital, em Livorno, e posteriormente para o 24Th General Hospital (Florença), onde, depois de um bom banho, recebemos uniformes e fomos designadas para servir no 16Th Evacuation Hospital, localizado na cidade de Pistóia. No hospital de Livorno, durante três meses, chefiou as enfermeiras brasileiras (sob a chefia-geral da enfermeira americana) a nossa companheira Tenente Elza Cansanção Medeiros e nos últimos três meses a Tenente Olímpia de Araújo Camerino. No hospital de Nápoles, foi chefe do grupo de enfermeiras brasileiras, a Tenente Zilda Nogueira Rodrigues.

Após cessar o combate, os hospitais continuaram lotados, exigindo a continuidade da nossa missão e incluindo em nossa assistência o atendimento a vários prisioneiros alemães. Terminada a guerra, dia 8 de maio de 1945, através de expediente do Chefe do Serviço de Saúde da FEB, Coronel Emmanuel Marques Porto — depois de evacuarmos todos os pacientes —, fomos excluídas do estado efetivo da Unidade (20 de maio 1945) e seguimos destino para o Rio de Janeiro, para apresentação na Diretoria de Saúde. As companheiras de Livorno e de Nápoles já haviam regressado ao Brasil e seis outras ficaram na Itália, adidas ao Depósito do Pessoal e Comando Geral (35Th Field Hospital).

Partimos de Livorno e na manhã seguinte seguimos para Nápoles, sendo acomodadas no Voltorno Hotel, quando recebemos ordem de comparecer ao Posto Regulador Brasileiro, onde pesamos a nossa bagagem e trocamos o dinheiro, podendo cada uma guardar 500 mil réis, devendo receber o restante no Rio de Janeiro.

*A Mulher Brasileira Apresentou-se Voluntariamente*



Treinamento físico intenso praticado pelas enfermeiras militares na Escola de Educação Física do Exército (Rio de Janeiro).

*A Mulher Brasileira Apresentou-se Voluntariamente*

De Nápolés, embarcamos todas em um quadrimotor que voou com escala no norte da África, em 06 jun 45.

Chegando a Natal, ficamos alojadas na Base Aérea de Parnamirim, aguardando o embarque para o Rio de Janeiro. Os doentes que se achavam internados no Hospital Militar de Natal tinham prioridade no retorno. Assim, viemos em pequenos grupos com oficiais brasileiros que se encontravam também em trânsito. Logo no dia imediato à nossa chegada no Rio de Janeiro, fomos nos apresentando à Diretoria de Saúde, sendo licenciadas do Serviço Ativo do Exército e apresentadas às repartições de origem aquelas que eram funcionárias antes da convocação. As demais fizeram uma prova no DASP e foram nomea-

das para repartições militares.

No ano de 1957, o Deputado Fernando Ferrari apresentou um projeto e por força de lei alcançamos, então, a patente de 2º tenente; recebemos os proventos atrasados desde o arvoreamento até a desconvoção e fomos reconvoçadas para o serviço ativo do Exército, no posto de 1º tenente. Quando passamos para a reserva, por tempo de serviço, fomos promovidas a capitão. Quatro companheiras, depois de convocadas e promovidas, foram consideradas incapazes e passaram para a reserva no posto de major.

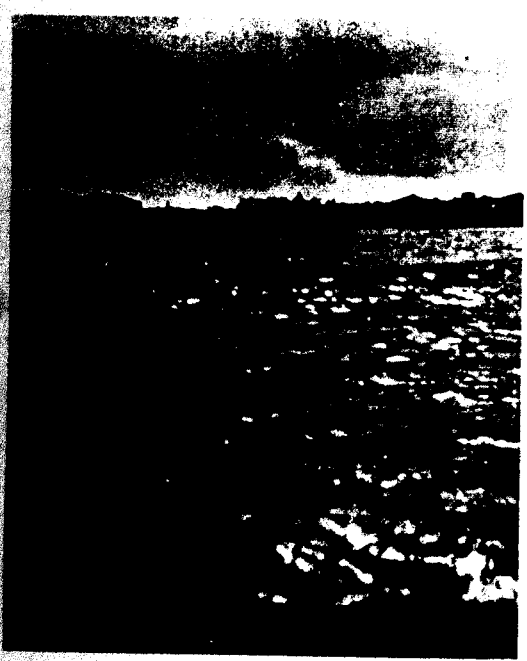
E foi assim que nós, as primeiras oficiais enfermeiras pertencentes ao Exército e à FEB, tivemos a honra e o privilégio de cuidar dos valorosos

"pracinhas", minorando seus sofrimentos e também, como mulheres, sentimos o orgulho de estarmos presentes neste conflito mundial, propiciando à nossa Pátria dias melhores a serem vividos.

Bombardeios, enchentes, neve, degelo, incêndios, explosões, vigília, angústia, tudo experimentamos na guerra, mas retornamos à nossa terra com a consciência do dever cumprido.

Nosso ânimo no Teatro de Operações era tanto, que fortalecíamos o espírito de quem necessitava de nossa assistência moral e especializada, capaz de mitigar as dores do corpo e os males da mente.

Hoje, na paz, nos desvanecemos de termos estado lá e de sermos as pioneiras oficiais enfermeiras pertenc-



*mulheres ao Exército Brasileiro*

Enchente em 02.11.1944 - 15th Evacuation Hospital.



Cap Enf VIRGÍNIA MARIA DE NIEMEYER PORTOCARRERO - Professora dos 1º e 2º ciclos escolares, diplomou-se na Cruz Vermelha Brasileira e fez o Curso de Emergência da Reserva do Exército, o que a habilitou para integrar a Força Expedicionária Brasileira, como voluntária incorporada ao Corpo de Saúde. Na Itália, prestou serviço especializado em 11 hospitais de campanha, desdobrados em várias localidades. Possui 7 medalhas de campanha, desdobrados em várias localidades. Possui 7 medalhas de caráter militar. Membro nato do Conselho Administrativo da ANVFEB, atualmente dedica-se à conservação de ossários dos cemitérios de São João Batista e de São Francisco Xavier, ambos localizados na cidade do Rio de Janeiro, sempre voltada para atividades de solidariedade humana.

*vide fotos pg. 198 e 199*